



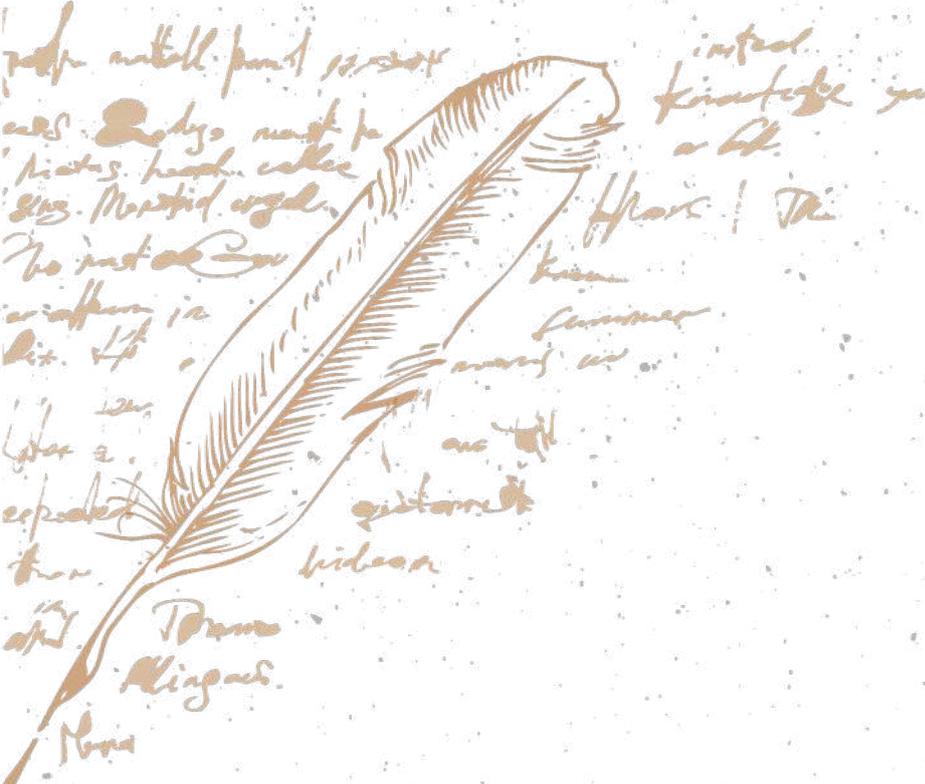
4º FESTMACPU

FESTIVAL MARANHENSE DE CONTO E POESIA DA UEMA

COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS



Editora
Uema



COLETÂNEA DE CONTOS E POESIAS



Editora da Universidade Estadual do Maranhão - Uema
Cidade Universitária Paulo VI, Av. Lourenço Vieira da Silva, N. 1000,
CEP: 65.055-310, Jardim São Cristóvão - São Luís/MA - Brasil
Homepage: <https://www.editorauema.uema.br/>

Reitor | Walter Canales Sant'Ana

Vice-Reitor | Paulo Henrique Aragão Catunda

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis | Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra

Pró-Reitora Ajunta de Extensão e Assuntos Estudantis | Camila Magalhães Silva

Coordenador de Cultura e Desporto da Proexae | Jadson Pinheiro Santos

Editor Responsável | Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

Conselho Editorial | Alan Kardec Gomes Pachêco Filho, Ana Lucia Abreu Silva, Ana Lúcia Cunha Duarte, Cynthia Carvalho Martins, Eduardo Aurélio Barros Aguiar, Emanuel Cesar Pires de Assis, Denise Maia Pereira, Fabíola Hesketh de Oliveira, Helciane de Fátima Abreu Araújo, Helidacy Maria Muniz Corrêa, Jackson Ronie Sá da Silva, José Roberto Pereira de Sousa, José Sampaio de Mattos Jr, Luiz Carlos Araújo dos Santos, Marcos Aurélio Saquet, Maria Medianeira de Souza, Maria Claudene Barros, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Wilma Peres Costa.

Preparação e Revisão de Texto | Eliza Flora Muniz Araujo, Sandra Regina Costa dos Santos, Ana Karla Gomes Camelo, Higor Rafael Santos Borges, Ana Caroline Costa da Silva de Araújo e Licileia França Montovani.

Projeto Gráfico | Nayana Gatinho Silva e Lindomar Dantas Conrado Filho

Diagramação | Ana Karla Gomes Camelo

4º Festival Maranhense de Conto e Poesia da Uema - FESTMACPU

Comissão Organizadora | Solon Santana Manica (Coordenador), Paulo Francisco Carvalho Bertholdo (Paulinho Dimaré), Rafael Souza Nunes Gomes, Hugo Eduardo Araújo Almeida, Mayara Santos Leite, Licileia França Montovani.

Ficha de Catalogação

Coletânea de Contos e Poesias da UEMA / organizadores Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra, Eliza Flora Muniz Araujo. – São Luís: EDUEMA, 2024.

39p. :il. color.

Livro eletrônico

ISBN: 978-85-8227-552-8

Coletânea de contos e poesias selecionados no 4º Festival Maranhense de Contos e Poesias da Uema, promovido pela PROEXAE/ Coordenação de Cultura e Desporto. Universidade Estadual do Maranhão UEMA - São Luís (Ma), 2024.

I.Literatura Maranhense. 2.Contos e Poesias. 3.Festival de Literatura.

4.FESTMACPU. I. Serra, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. 2. Araujo, Eliza Flora Muniz.

III.Título.

CDU: 82:7.079(081.1)

SUMÁRIO

Prefácio	07
<i>Ilka Márcia Ribeiro de Souza Serra</i>	
Apresentação	08
<i>Solon Santana Manica</i>	
CONTOS	
A Ascensão	11
<i>Givanildo Lucas Santos da Rocha</i>	
As Primeiras Gotas	13
<i>Diego Felipe Pereira Noletto</i>	
Pescando no Rio Léxico	14
<i>Kaline Ketna Costa</i>	
A Ira do Muiraquitã	15
<i>Nuzia Moreira Guiglermette</i>	
A Caixa	17
<i>Pedro Aragão</i>	
Leontina & Antonino: Um conto de Alcântara	19
<i>Jean Carlo Ribeiro</i>	
O tropeço de Deus	21
<i>Simone Rafyza</i>	
Lágrima Derradeira	22
<i>Carlos Leonel</i>	
A Jovem	24
<i>Allan Roberth Vieira Alves</i>	
A Ponte da Esperança	26
<i>Paulo Sá Vale</i>	
POESIA	
Falência	29
<i>Silvio Rayol</i>	
Sem Esperar Lealdade	30
<i>Quincas Vilaneto</i>	
Frio	31
<i>Confrade – mor</i>	

O Outono e a Primavera	32
<i>José Lucas Mendes dos Santos</i>	
Maranhão é diferente	33
<i>Thamires Carvalho Baia</i>	
Da Vida	34
<i>Fredna Ariady Oliveira Ferreira</i>	
Formada pelo Caos	35
<i>Lorena Teixeira Rocha Davi</i>	
Morena	36
<i>Brunna Thassyandra Brito Ribeiro</i>	
A Voz Oprimida	37
<i>Daniele da Silva Melo</i>	
Sob a Sombra das Palavras	38
<i>Mauro André Viana Pinto</i>	

PREFÁCIO

O 4º Festival Maranhense de Contos e Poesias da Uema – Festmacpu é um evento cultural que visa enriquecer a vida literária da comunidade acadêmica, incentivando a produção poético-literária contemporânea no Maranhão, ao mesmo tempo em que, se propõe à descoberta de novos talentos no meio universitário.

Em 2020, a Universidade Estadual do Maranhão (Uema), por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (Proexae), lançou o Festmacpu, na perspectiva de incentivar e fortalecer o exercício da leitura e da escrita. Constitui-se em importante fonte de aprendizado, uma vez que estimula a linguagem, concentração, memória e raciocínio, fazendo fluir as aptidões e a capacidade criativa.

Cabe ressaltar que, a cada ano o Festmacpu homenageia duas personalidades importantes da cultura maranhense, sendo que nesta edição de 2023, o poeta Gonçalves Dias e o músico Turíbio Santos são os homenageados. As inscrições foram realizadas por meio de edital, de forma gratuita, tendo como público-alvo, estudantes universitários, professores e funcionários da UEMA e a comunidade em geral.

Nesta edição, foram 113 inscritos e 40 trabalhos selecionados, sendo 20 de poesias e 20 de contos, utilizando-se como principais critérios: criatividade, originalidade, coerência e ortografia. Desses 40 trabalhos, foram selecionados os 10 primeiros de cada categoria para publicação nesta Coletânea.

Não resta dúvida que a Uema por meio do Festmacpu abre um caminho de possibilidades para a descoberta de novos talentos em nosso estado. E, nesse contexto a Coordenação de Cultura e Desporto da Proexae, tem envidado esforços para que o Festival abranja o maior número de participantes, visto que contempla os 20 campi da Uema, numa demonstração de valorização e incentivo ao processo de criação e recriação de obras literárias.

Ilka Márcia Ribeiro de S. Serra
Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Estudantis da Uema

APRESENTAÇÃO

O 4º Festival Maranhense de Conto e Poesia da UEMA, promovido pela PROEXAE/ Coordenação de Cultura e Desporto, apresenta nesse livro os contos e poesias selecionados. Obras inéditas que ajudam a divulgar a produção poético-literária contemporânea do Maranhão. O festival contribui para fomentar a leitura, a escrita, assim como para revelar novos talentos poético-literários. As poesias selecionadas foram declamadas ao vivo por seus(as) autores(as) no dia de premiação do festival. Essas obras agora podem ser lembradas e reinterpretadas por aqueles(as) que desfrutarem do livro. O festival, como de costume, homenageou artistas maranhenses, nessa edição os homenageados foram: Gonçalves Dias (dentro das comemorações de seus 200 anos) e Turibio Santos (importante músico/violonista, intérprete e compositor maranhense). A sugestão é que a leitura dos contos e das poesias possa ter como trilha sonora algumas das gravações de Turibio Santos, as quais podem ser acessadas em <https://immub.org/artista/turibio-santos> (ou em plataformas de streaming de música).

Em seu livro, *Dom Casmurro*, Machado de Assis escreve “A vida é uma Ópera” (ASSIS, 1997, p.23-24). O autor através de uma conversa entre Bentinho, o personagem principal, e Marcolini, tenor italiano, cria uma metáfora musical da existência humana. Na metáfora, Deus escreveu a poesia (o libreto) e Satanás compôs a música, depois de ter sido expulso do céu, para mostrar que não havia desaprendido as lições que aprendera no conservatório celestial. A metáfora se desenvolve com a Terra como teatro onde a ópera é executada e, como toda obra de Assis, traz ideias perspicazes, que levam o leitor a refletir sobre questões de sua época e da própria vida.

As ideias apresentadas buscam estimular o(a) leitor(a) a deixar fluir a sua imaginação durante a leitura das poesias e contos presentes nesse livro. Por isso, essa apresentação não faz uma síntese ou trata de interpretações (desse que vos escreve) dessas obras, para que cada pessoa tenha total liberdade na sua fruição dos objetos estéticos (sem ser influenciada por opiniões/interpretações sobre cada conto ou poema). Como escreve Gonçalves Dias em seu poema A escrava (DIAS, 1959, p. 138-139) em seus Primeiros Cantos:

[...]

Onde livre corre a mente,

Livre bate o coração!

[...]

Esse é o desejo da organização desse livro: que a mente e o coração dos(as) leitores(as) possam fruir livremente as obras de arte apresentadas e premiadas no 4º Festival Maranhense de Conto e Poesia da UEMA.

Boa leitura!

Prof. Dr. Solon Santana Manica

Coordenador do 4º FESTMACPU

Professor da Licenciatura em Música - UEMA

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**: romance. São Paulo: Globo, 1997.

DIAS, Gonçalves de. **Obras poéticas de Gonçalves Dias**. Org. Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, v. 1 e 2.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

A ASCENSÃO

Givanildo Lucas



Havia acabado de me mudar para lá, um apartamento comum em um bairro de classe média. Desde o princípio – como em outros princípios – soube que não me encaixaria ali. Era o início de uma nova fase da minha vida: acabara de entrar na universidade e, pela primeira vez a longo prazo, a vida amorosa parecia andar, mesmo que minimamente, nos trilhos. Era estranho ter retornado ali, onde comecei a carregar bagagens que pesavam demais para um jovem como eu. Entretanto, como em todas as mudanças, deve-se retirar o pó dos móveis e reajustar tudo ao novo ambiente.

A cada dia eu retirava a poeira aos poucos já sabendo exatamente onde posicionar cada coisa no lar, embora houvesse uma específica que eu não fazia ideia de onde pôr: um grande espelho. Parecia coisa boba, mas onde eu posicionava-o nunca parecia estar bom e, apesar das imperfeições, ele era um dos mais bonitos que já vi: a vidraça possuía alguns arranhões, mas sua moldura tinha detalhes dourados que pareciam formar um grande labirinto; Realmente magnífico! Os dias passavam, e com eles eu posicionava todas as mobílias, menos o tal espelho, até que decidi que arranjaría um local para ele a qualquer custo. Então, sentei-me à frente dele e comecei a pensar, e pensava mesmo sem chegar a lugar algum, até que de forma repentina não refletia sobre nada a não ser a sensação constante de cair num vazio; num vazio de quê?

Um cavalo, dois cavalos, três cavalos! Todos num campo com os mais verdes dos capins, os mais grandiosos entre os arbustos e as mais fragrantas flores que já floriram na face da terra. Caminhei entre as pequenas árvores e toquei o mais lindo dos cavalos. De repente, surgindo do mais profundo nada, uma cavalaria inteira daqueles equinos selvagens galopavam atrás de mim. As flores morreram, as árvores secaram e deram lugar apenas às folhas mortas que se espalharam por cima dos capins agora cinzentos. Sem dó nem piedade, sabia que os seres esmagar-me-iam como pisoteiam o solo com os cascos.



E eu corria, corria com minhas pernas não tão velozes o mais rápido que podia, mesmo sabendo que seria inútil. A sensação era que quanto mais tentava escapar, mais perto eles estavam; a morte era quase inevitável, embora houvesse, mesmo que na menor das chances, a esperança de viver. Portanto, parei diante dos seres ferozes e com os olhos fechados deixei o fio da minha vida à mercê da sorte. Assim que o último dos cavalos passou por mim, senti uma forte luz vindo em minha direção, como se fosse uma revelação e acreditava ser Deus, quando o que vi era apenas eu. Quando me dei conta, o vazio se preencheu de cor vermelho-sangue, que escorria de minhas mãos dilaceradas pelas vidraças ainda fincadas em mim. Acordei do transe e, sem entender o porquê de ter tomado aquela atitude brutal, olhei ao redor e vi-me nos cacos espalhados por toda a parte.



AS PRIMEIRAS GOTAS

Diego Noletto



I
Há livros na estante onde leio dedicatórias de antes do meu tempo. Faça um pacto com a solidão, de 1982. Mamãe nunca imaginou que essa frase cresceria na forma de uma mulher. Mas nem as paredes resistiram – nem o tempo fazendo da casa, lugar secreto, onde intimamente eu me descobria e crescia uma espécie de abandono. Nem sobreviveram marcas, pois tudo se renovou. Ficaram brochuras, letras douradas ralas como meus cabelos brancos, e as palavras em mim, uma babel sobreposta e caótica, composta por saudades. Agora escrevo, porque vim ao mundo numa cúpula de amor.

II
“Filha?”. A mãe repetiu: “Filha?”. Não era ainda, só silêncio, ela se sentindo no espaço, astros sobre a cabeça. Seguravam suas mãos. Frio. Quando veio a gestação queria algo singelo, algo para a posteridade, então acumulara livros, comprara o berço, guardara um canto da casa, o lugar fádico. Fizera seu palácio nas ruínas de menina sonhando o futuro. “Se nada der certo”, pensava, “ao menos sonhei”. E ficará uma marca, pois o bebê herdará o sorriso, as orelhas pontudas do pai e toda coragem. E se for fraco? “Ao menos é meu”. Ouviu uma voz suave, mais vento que som, uma mão fechava-se sobre a sua, num carinho que se deposita em coisas frágeis. Sentiu dor. “Já?”, ela gemeu a dor no peito, a dor molhada e quente. Viu no teto a luminária, pensou estar perto da lua, e a mão para o alto para tocar a bola celeste. Abriu os olhos, um rosto de homem, a face tesa. “Nasceu?”, perguntou. “Force aqui”, disse o outro. Ela sentiu a palma de borracha abaixo do umbigo, viu o barrigão, lembrou-se: tinha comprado adesivos, a colcha de selva onde a deitaria para sonhar, a festa e os amigos. “Irá se chamar Melinda”. Susto quando a bolsa estourou. Saíram para o nascimento. Água no rosto, algodão frio de alívio nos lábios, olor do sangue, um choro. Recebeu o bebê, movimentos de borboleta. Levava a pequena ao colo, a boquinha aberta para o seio. Nunca chegou. Chamaram o pai. A enfermeira fez o registro: 1h30 da madrugada, a 11 de agosto de 1985.

III
Hoje, só muitos anos depois, é que eu choro.



PESCANDO NO RIO LÉXICO

Kaline Ketna



Havia um rio sábio chamado Léxico, onde poucos se aventuravam em pescar. Poucos sabiam o segredo de qual melhor isca usar.

O jovem Simão, pela alvora resolveu se arriscar.

Ao chegar à margem do rio, logo começou a matutar:

“Do que as palavras gostam de se alimentar?”

E no pensar encontrou sua resposta. Para a palavra surgir, o pensamento precisa existir. Assim sendo, ele “iscou” um pensamento no anzol e lançou-o nas águas.

Paciente, esperou.

Até que uma palavra fisgou.

Era um verbo. Simão pensou:

“Se cozido vira advérbio e assado vira substantivo, com certeza feito frito vira adjetivo.” Ele jogou a palavra no cesto e voltou a pescar.

Pescou pachorramente, sem as horas contar.

Vieram palavras curtas e compridas, de sabor e significados variados.

Por fim, Simão recolheu suas palavras, pois estava ficando nublado. Foi-se um dia maravilhosamente lindo.

Voltou para casa e preparou um banquete chamado LIVRO.



A IRA DO MUIRAQUITÃ

Nuzia Guiglermette



as profundezas da floresta amazônica, onde os raios de sol mal ousam penetrar, havia um segredo antigo guardado pelas sombras. Algo muito poderoso, alguns o conhecem como amuleto de sorte, proteção e fertilidade. No início dos tempos, esses amuletos foram espalhados nos rios pelos povos indígenas como tributo à Mãe das Águas, popularmente conhecido como Muiraquitã, mas muito poucos sabem da existência de um Muiraquitã especial que foi criado pela própria Mãe das águas, usado para manter o equilíbrio na natureza.

Um mapa chegou às mãos do casal Julia e Fred, caçadores de tesouros, que não medem esforços para alcançar seus objetivos. Mesmo com todos os avisos, a fortuna a receber com a venda do amuleto falava mais alto, fazendo com que desafiassem os limites proibidos da floresta.

Em uma clareira oculta envolta pela densa vegetação, Julia avistou um brilho verde cintilante entre as folhagens. Ignorando os sussurros de pavor que ecoavam por todos os lados eles foram em direção ao brilho, chegando a um altar, com figuras aterrorizantes em agonia e no centro, o grande Muiraquitã em forma de sapo brilhava intensamente. Não perdeu tempo, logo esticou suas mãos e agarrou o amuleto. No momento que Julia profanou o altar tudo emudeceu, suas lanternas pifaram, Julia e Fred foram engolidos pela escuridão num abraço gélido. Do amuleto surgiu uma presença inominável que encheu o espaço, os estagnou num estado de terror paralisante. Foram envolvidos por uma aura nefasta, que sugava suas esperanças e suas almas.

Em meio a um redemoinho de pavor e desespero a terra tremeu sob seus pés, abrindo um abismo sem cor diante deles. Agora a entidade tinha os olhos de rã brilhando com uma luminosidade sobrenatural.

Um balanço de vento e sombras os envolveu, arrastando o casal para as entranhas da terra, para um reino de escuridão e sofrimento inimagináveis. Gritos estridentes ecoavam no vazio, misturando-se ao lamento das almas condenadas. Enquanto a terra os engolia, a maldição do Muiraquitã roubado encontrou sua punição, selando o destino trágico daqueles que cobiçam e que ousam desafiar os mistérios ocultos da floresta amazônica.



A CAIXA

Pedro Aragão

O véu da noite caíra silencioso, ocultando em seus tentáculos sombrios o espetáculo inculto dos lares desprovidos de sentimentos. O vazio nas ruas era preenchido pelos ruídos caninos que vagavam perdidos em meio a ausência daqueles que os abandonaram. Acompanhados, ainda, pelo gemido frio de uma brisa perdida em meio a solidão. Mas na casa, no meio da casa, jazia a rigidez cadavérica de uma caixa retangular, sólida, esculpida com simplicidade gandhiana, velada por Alzira. Ela, aos 89 anos de idade, sabia que em breve estaria ali, deitada, fria, tão rígida quanto a caixa, menos bonita, claro, menos interessante, sem dúvida.

A certeza do fim fez a aposentada do Banco do Estado se antecipar ao ciclo natural da vida, apesar da longa idade. Alzira não queria ser pega de surpresa pela morte, precisava estar pronta quando ela chegasse. E ela estaria. A compra do caixão foi relativamente fácil, afinal de contas, é um item necessário a qualquer momento, difícil foi convencer o vendedor de que precisava, agora, àquela hora. Para Alzira, tentar explicar sua decisão foi um tanto constrangedor e incompreensível, afinal de contas, para ela, todo vendedor de ataúdes deveria saber que a morte não manda recado avisando a hora que vai chegar.

A idosa não tinha herdeiros para quem deixar a honra fúnebre das suas memórias, as melhores, sempre as melhores, apesar de ela saber que não foi uma pessoa merecedora de boas recordações. Com a mesma determinação, dirigiu-se, sozinha, ao local onde jazia a saudade, em alguns momentos, em outros, apenas alívio. A aposentada percorreu cada palmo daquele amontoado de lápides, carregadas de histórias, em breve esquecidas, de pessoas que ela um dia conheceu. Espaços, não existiam mais, mas era possível encontrar vazios diante da ausência dos entes queridos, que prometeram nunca os abandonar. Foi à sombra de uma árvore, que Alzira decidiu se fincar, não voltaria a nascer, ela sabia, mas a árvore, - ah, a árvore! - se alimentaria dela, iria nutrir-se do seu corpo delgado e frágil, ela sentiu-se satisfeita em saber que seria útil pela primeira vez.

A densidade da noite dissipou-se lentamente, os primeiros filetes de luz atravessavam o telhado quebrado, Alzira observava o alvorecer de um novo dia, vestida com sua roupa leve e sem costura, na certeza de que na próxima noite, com certeza, ela partiria.



LEONTINA & ANTONINO: UM CONTO DE ALCÂNTARA

Jean Carlo



Em Alcântara, no século XIX, viveu Leontina Stella, filha única do Barão de Grajaú. Mãe Calú foi sua ama de leite, após o falecimento de sua mãe. Ela era prometida a um rapaz que morava na capital. Mas o destino faria com que ela se apaixonasse por um escravo do seu pai. O escravo era um rapaz de semblante triste, porém de olhar curioso, era novo na casa, havia sido comprado recente, junto a outros, pelo jagunço, a mando do barão.

Após mãe Calú passar mal na rua durante um passeio, Leontina pediu ao pai que permitisse que um escravo a acompanhasse nas caminhadas. O barão autorizou não atentando ao pedido da filha, pois estava mais preocupado com o palácio que estava construindo para hospedar Dom Pedro II, cuja visita era aguardada em Alcântara. Então, dentre os escravos que trabalhavam na casa, Antonino foi o escolhido. Durante os passeios, os dois se aproximaram cada vez mais e logo as pessoas notaram e passaram a julgar negativamente. Quando chegou aos ouvidos do barão, o mesmo proibiu os passeios.

Naquela noite, Leontina viu Antonino contemplando a lua e ele lhe disse, assim que percebeu sua presença, que a lua sempre o fazia lembrar da infância, na fazenda onde nasceu e que sonhava sair voando livre como um pássaro, o que comoveu Leontina. Ela também possuía um sonho de liberdade, pois sempre via o mundo lá fora pela janela do seu quarto e sonhava com a liberdade tolhida pelas tradições que a aprisionavam. O barão decidiu viajar para finalizar os preparativos do casamento de sua filha e indo contra as ordens do pai, Leontina voltou a sair com Antonino pelas ruas e eles começaram a se encantar um pelo outro. Mãe Calú já não os acompanhava nos passeios e num certo dia eles perderam o horário. Já era quase noite quando voltaram correndo para casa e se depararam com o barão na porta que havia acabado de chegar de viagem. Ele pediu para o jagunço matar Antonino, mas Leontina suplicou pela vida dele.



O barão, então, mandou que o levassem para a senzala e o açoitassem antes de enviá-lo à capital, mas a sua real intenção era que o jogassem no mar durante a viagem. O barão, porém, não contava que o jagunço fosse, na verdade, irmão mais velho de Antonino e que o ajudaria a fugir para um quilombo antes dessa viagem fatídica.

O jagunço disse à mãe Calú que Antonino iria fugir na noite do dia seguinte e ela por sua vez contou a Leontina. Esta tomou a decisão de fugir com Antonino e no dia da fuga, encorajada por Mãe Calú, desceu por uma corrente de lençóis da janela de seu quarto e foi ao encontro do seu grande amor. Antonino ficou surpreso e feliz com a atitude de Leontina e seguiram pelo mar rumo ao quilombo. Quando o barão descobriu a fuga, já nada pode fazer e a partir daquele dia ele declarou Leontina morta a toda a sociedade. Como sinal de luto pôs cortinas pretas nas janelas de seu sobrado, o que o levou a ser batizado pela população como Palácio Negro.

Assim, indo na contramão de muitas histórias de amor, sim, eles foram felizes para sempre!



O TROPEÇO DE DEUS

Simone Rafyza



“Por que o céu é azul, vovô?” a criança indaga, apontando para um céu carregado de nuvens. Ao fazê-lo, vira esperançosamente para o mais velho, pronto para ouvir a maior de todas as revelações.

O velho continua concentrado na arte adulta de ignorar, catando espaço na mesa de trabalho a procura de um relatório. Depois de achar, ler, reler, e ler mais uma vez, desistiu, rendendo-se enfim ao questionamento que afastara abruptamente minutos atrás. Procurou no campo da memória algo parecido que um dia perguntara ao pai, quando tinha a idade que agora tem seu neto.

“Por que mesmo que o céu é azul?” Franziu o cenho.

Coçou a orelha esquerda.

Remexeu-se na cadeira.

– Ora, é azul porquê... porquê... um dia Deus tropeçou em um grande balde de tinta azul. Um balde de tinta azul! É isso!

– Um balde de tinta azul, vovô? – A criança repetiu surpresa.

O senhor lamentou por um instante a resposta ridícula que dera, ensaiou mil formas de embasar seu argumento de forma convincente, pensou no crime de responsabilidade que cometera aos sonhadores, sentiu pena, sentiu dor, sentiu remorso. Mas seu neto não se abalara. Sentou-se pacientemente no chão do pátio e pôs-se a olhar para cima como quem espera dinheiro cair do firmamento.

O velho, que já deixara de lado os relatórios, aproximou-se do menino e perguntou com a mesma entonação curiosa:

– Porque continua olhando para cima?

– Estou esperando Deus tropeçar nos outros baldes e me fazer um arco-íris.



LÁGRIMA DERRADEIRA

Carlos Leonel



Deixou o papel rabiscado acima da mesa da cozinha, junto aos livros empoeirados. Baratas transitavam na pia, amontoada de pratos e talheres sujos, aproveitando os resquícios de lanches. Os cantos das paredes serviam de morada às aranhas que teciam suas teias. O cesto de lixo transbordava de sacos plásticos, embalagens amassadas e restos de comida, e o que sobrava de excedente já se acumulava ao redor dele.

Ignorou o ambiente e saiu andando pelo corredor escuro direto ao quarto. No caminho, tropeçou em uma caixa cheia de discos velhos, quase batendo o rosto contra a porta. Entravam faixas de luz pelas venezianas, tornando visíveis as partículas suspensas no ar. Trouxas de roupas cobriam a cama. Na escrivaninha, uma xícara era usada como cinzeiro entre garrafas vazias de vodca. Atravessou o cômodo, e abriu a janela.

Admirou o céu, vendo-o ser preenchido por tons avermelhados e nuvens alaranjadas, escondendo-se entre elas o sol. Pássaros voavam em bando. De cima contemplava as pessoas que passavam pelas calçadas para algum destino desconhecido. Outras conversavam sobre assuntos estranhos.

Virou-se, e com tudo iluminado atrás, percebeu as estantes com as revistas jogadas pelas prateleiras, fotos emolduradas, camisetas penduradas em cabides dentro do guarda roupa escancarado.

Voltou o olhar à rua abaixo, quando notou no peitoril um pequeno jarro esquecido de lado. A terra estava seca por falta de rega. Nele havia uma rosa ressecada, torta, destituída de folhas, a cair sob o próprio peso.

Observava-se apenas uma pétala atada à corola, encolhida, de aspecto desbotado e murcha. Pegou o copo que havia usado fazia alguns minutos da mesa de cabeceira, ainda com um pouco de água. Em torno dele, espalhados, potes de remédios vazios.



Regava a planta quando uma brisa veio, desnudando-a por completo, e então ventou outra vez, quebrando-a ao meio. Uma lágrima de tristeza deslizou pelo rosto, porque desejava vê-la desabrochar.

No entanto, isso não aconteceria. E percebeu o corpo enfraquecer. Seria a última pétala a se desprender da flor, assim como seria a última lágrima a ser vertida por quem a deixou escapar.



A JOVEM

Trovador do Mearim



– Eita, que ele tava era com muita fome e muita sede!

Bradou Jovenila ainda ofegante pela subida da ladeira onde estava incrustado o cemitério do povoado e abaixando-se junto àquela sepultura caiada de branco, apanhou o prato, o copo, a colher e a garrafa d'água, se benzeu e se despediu dizendo:

– Amanhã lhe trago um cozidão daqueles de lamber os beiços. Sei que meu filho gosta muito e está com saudade. Fica com Deus! E de longe, escondidos entre os túmulos, os coveiros riam daquela cena e, quietos, ficavam ouvindo o diálogo. Eles temiam ficar sem o alimento, se ela descobrisse que eram eles quem devoravam a gostosa comida oferecida ao morto, desde que aquela jovem senhora enviudara. “Jovem” como era conhecida, perdera o seu amor ainda no vigor da sua mocidade. Homem trabalhador, braços rígidos, estatura mediana, a quem afazer nenhum metia medo. Até que fora surpreendido pelo destino naquela tarde em que morreu soterrado por uma barreira da qual tirava areia. Mal pode resistir a tanta dor. Estava a esperar pelo seu primeiro filho, e ao saber da notícia da morte do seu marido, saiu gritando em desespero. Os dias passaram e se aproximava o nascimento do tão sonhado filho que chegou nas primeiras horas daquela sexta-feira chuvosa de março. Desde cedo da noite passada, era assistida pela parteira da localidade, que; tendo muito trabalho para “encaixar” a criança, não via a hora de puxá-la. Mas, eis que o destino imprime outra marca na vida daquela mulher, pois o tão esperado filho nasceu morto, e ela de tanto sofrer, “quebrou o resguardo” e enlouquecera. Era doida mansa como se diz no interior. Tinha um calor desmedido que só curava no tanque do seu quintal. Não mexia com ninguém, e se zangava apenas com os meninos que a aperreavam mexendo em suas roupas estendidas na calçada da rua e ela vinha em seu estado mais natural arrumar as peças, enquanto a criançada se divertia ao vê-la despida.



A outra mania, era a de ir todos os dias ao mercado comprar comida para o seu amado a quem a loucura nunca deixou morrer. Seguiu todas as manhãs com seu balde enfiado no braço, o pescoço com marcas de talco e sempre uma flor metida na orelha a lhe enfeitar os cabelos. Talvez ainda atormentada por lembranças daquele louco amor, conservou a libido exacerbada, que satisfazia os adolescentes da localidade em suas iniciações sexuais e que iam bater em sua pequena janela altas horas da noite. Viveu ainda por muitos anos a alimentar o seu amor perdido, os coveiros e os meninos da redondeza, cada um de uma forma.



A PONTE DA ESPERANÇA

Paulo Sá Vale



Em uma cidade ansiosa por progresso e modernidade, uma promessa ecoava há anos: a construção da grandiosa Ponte da Esperança, destinada a unir o centro urbano colonial às praias ao norte. Políticos e intelectuais entoavam discursos apaixonados, apontando para a imponente estrutura como um farol de sonhos, guiando a sociedade estagnada em direção ao horizonte brilhante do futuro.

Finalmente, o dia da inauguração chegou. Era um dia ensolarado, a placa de inauguração em metal, distante, refletia a luz do sol, ocultando seu nome oficial. Uma multidão reunida no centro histórico da cidade testemunhou a majestosa ponte, com seus pilares de concreto encravados no mangue. A esperança enchia o ar enquanto crianças, velhos, adultos, jovens, homens, mulheres, pobres e ricos, caminhavam juntos na direção do que acreditavam ser o futuro.

Contudo, um segredo aguardava na outra extremidade da ponte. Quando os primeiros passos foram dados na nova região ao norte, a realidade revelou uma perspectiva inesperada. Ali, em vez do moderno e próspero paraíso que a cidade sonhava, encontraram-se com uma paisagem desolada de desigualdades sociais gritantes.

Ao invés de bairros arborizados, casas que todo mundo pudesse pagar e uma vida boa de verdade para todos, palafitas se erguiam ao lado de luxuosos condomínios de frente para o mar. A pobreza contrastava com a riqueza, revelando uma sociedade dividida. As áreas verdes eram desmatadas para dar lugar a condomínios fechados luxuosos, grandes avenidas, e a natureza era esquecida em prol do progresso material.

Os pescadores que habitavam a primeira região a sofrer as influências da ponte nas novas terras, inicialmente afastados da multidão, agora testemunhavam o choque da cidade moderna com seu estilo de vida mais

simples e sustentável. Enquanto os pescadores acolheram os recém-chegados com humildade e compaixão, a sociedade se debatia entre espanto e desencanto.

A inauguração havia deixado o nome oficial da ponte ofuscado sob a luz do sol, mas quando as nuvens chegaram, a população finalmente conseguiu ler as palavras que estavam ocultas: 'Ponte José Sarney', 14 de fevereiro de 1970.



FALÊNCIA

Sílvio Rayol

Se fosse eu um daqueles sonhadores
Pois a própria noite estaria a esperar um abraço
Por cada esquina que dobrava em flores
A cada sonho que acordado me desfaço
E tão novamente se refaça
A mesa posta de um desejo se faz graça
Pelas vias fitei jarros de livre aroma
Pelos cantos de seus lírios
Velha lembrança me toma
Alçam as mãos por jardins vividos
Vejo a cor de meu pomar querido
Pardas margens da maré de cinza tarde
Luz recolhida do parto das manhãs
Agora é alma de lembranças e verdade
Vagas são horas no descer da água de chuva
Escorrendo beirais de uma casa qualquer
Por muros contidos, sem janelas sequer
Meros olhos, revendo trilhas quem sabe falidas
Pela água já sentida na sarjeta e jornada
Apega-se ao dom vivente de um nada, nada...

SEM ESPERAR LEALDADE

Quincas Vilaneto



Sem esperar lealdade
No restaurante
toda a poesia que há,
rumina pelas frestas
da incompreensão.
Tudo em volta,
emerge recendendo à carne
recem-abatida
que os mortos nos entregam como
se tivessem vidas.
Toda a gula que há,
sobraram das carcaças
dos peixes e das aves,
que alimentam nossa existência
efêmera.
Aqui, como em qualquer outro lugar,
não há como separar;
a relação entre a fome
e a perversidade do perecível,
visto que é daí que a vida extrai
a sua provisoriedade,
quando está grávida de morte.
depois de modelar à faca,
a quem mal conhecia.

No restaurante
ela vem sob medida,
age por capricho; sabe a força que
tem quando dói na alma,
sem o complemento de uma
palavra que faça pacto de amor
e se instale em comunhão,
se o tempo deixar,
quando nos damos as mãos.
para colhermos o poema
que não tenhas que sacrificar
quando acabar a sobremesa,
porque ele só se entrega
para quem o queira encontrar.

FRIO

Confrade-Mor

Não amordace os seus sentimentos
Nunca acredite demais nos seus pensamentos
Amar nunca é demais
Nem sempre tome os chás que a sua mãe lhe faz
Fure o sinal se sua alma diz SIM
Se coloque na linha de tiro
Voar nunca é um sonho sozinho
Leve um amigo pra dar um giro
Ponha um cobertor sobre seu coração vazio
Pois, Descartes, o pai da Razão, morreu de frio
É preciso sonhar acordado
A loucura é uma forma de viver
Coloque um cobertor neste seu peito vazio
Por que, Descartes, morreu de frio
Não pense que é tarde pra sonhar
É sempre pior ficar acordado
Dê uma chance ao amor ao seu lado
E encha de calor este seu peito vazio
Pois, porra, descartes morreu de FRIO!

O OUTONO E A PRIMAVERA

José Lucas Mendes dos Santos



Ela era a Primavera, e eu o Outono.
Duas estações dessemelhantes, todavia que se liam
Ela era a minha Primavera, e eu o seu tão dileto Outono.

Os dias de Outono eram ininterruptamente mais frios.
Os da Primavera, quentes.
Outono era demasiadamente amargo.
A Primavera doce.

Outono era seco e angustiante.
A Primavera, farta e contagiante.
O Outono possuía não mais que seus galhos álgidos.
A Primavera, contudo, sus pétalas de margaridas.

Entretanto ambos se relevaram agudamente imprescindíveis um ao outro,
duas estações interdependentes.
O Outono, por seu inerente mal.
A Primavera, convenientemente por seu bem.
A realidade em contraste com a perspectiva subjetiva.

O Outono perfazia a Primavera,
e a Primavera aprontava o Outono.
Dois corações distintos.
todavia com um sentimento único.



MARANHÃO É DIFERENTE

Thamires Carvalho Baia

Essa terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
A escrita produzida
Não é igual a de lá
E o jeitinho que é falado...
Ninguém fala acolá.

Maranhão é diferente
Só vivendo 'pra' saber
O barulho lá na rua?
É Ana Jansen, vem conhecer!
Pra quê todo esse medo?
Ainda tem Manguda da GD.

Juçara com farinha?
Tenho outro lanche 'pra tu'
Já tá mal acostumado?
'Bora' é comer Pandu
Descansar na nossa rede
E ouvir Valsa Pagu.

Quando formos à praia
Vou logo te avisando...
Se sentir uma moleza

Não fica duvidando!
Com certeza é Mãe D'água
Te dando 'peia' e tu lerdando.

Mas pode ficar tranquilo...
Não precisa se preocupar
Só se a cabeça encontrar a cauda
Que nós vamos 'se' ferrar
Porque se a serpente conseguir
Nós vamos tudo é afundar.

Aqui o povo é forte
É guerreiro, é trabalhador
A gente não enfrenta onça
É a tribo Timbira, meu amor!
Então, não se esqueça:
É maranhense e com fervor!

Que falem mal do Maranhão
Mermã, eu tô é tu!
Tão querendo é ser a gente
Nesse buraco tem tatu!
Se nós quase 'foi' francês
Então, merci bocu.

DA VIDA

Fredna Ariady Oliveira Ferreira



Uma montanha russa.
Segure firme a barra, aperte os cintos.
Você vai encontrar curvas complicadíssimas.
No fim de cada descida, apesar dos cabelos emaranhados, vai respirar fundo por ter chegado ao final de mais uma etapa.
Não pense que acabou. Ela gira vezes embaixo, vezes em cima.
Suba sem receio, vista-se de fé e derrote o medo.

Das mudanças

Mude a cama de lugar,
Mude a mesa,
Mude as perspectivas,
Mude o olhar,
Mude a cada experiência,
Mude a roupa,
Mude a cor,
Mude o canal,
Mude o tema do filme,
Mude o final.

FORMADA PELO CAOS

Lorena

O meu olhar não se engana.
Estou parada, em frente ao espelho
[Já se passaram 3 horas!]
O que eu quero ver?
Se não a loucura, a melancolia, a arte e a poesia
Está tudo estampado, tão forte...
No meu corpo, no meu rosto.
Os quais já estão tão sem vida,
Tão fora de si.

Cadê aquela, doce menina?
Aquela...
Que não se importava com nenhuma opinião,
A qual não possuía, sequer, uma preocupação, a não ser
aquela:
"Qual roupa minha boneca irá usar hoje?"

[Impossível!]
Ela não procurava NENHUMA imperfeição!
Cadê ela? Ela se foi?
Ela levou tudo...
Toda a minha esperança, tudo o que eu tinha.
E deixou a loucura, a melancolia, a arte e a poesia.
Que é tudo o que eu tenho.
Saudade, minha doce menina, saudade do tempo que não volta
mais.

MORENA

Brunna Brito

Seus lábios macios com sabor de cacau
Um beijo gostoso de hortelã e café
Me deixou viciada caindo aos seus pés.

Oh, morena de pele bronzeada com cheiro de jabuticaba!
Me deixaste marcada, encantada e apaixonada!

Vem até mim com voz aveludada
Olhos negros que suga minha alma
Um sorriso lindo que prende minha atenção
E acelera meu coração.

Que encanto é esse menina?
Por onde passa e deixa a sua marca.

A VOZ OPRIMIDA

Daniele da Silva Melo

A voz desse ser vem com um quê de se duvidar,
Por ser um gênero que é menos favorecido de cá,
Deixe-me embrandecer,
Na busca por igualdade de poder a vós tudo dizer...
Na realidade, nunca hão de entender.

Infortúnio destino, pois me no mundo,
Onde ei de falar com todo cuidado,
Para não desrespeitar
Quem está sempre a julgar.

E lutas que já se foram, vitórias que vêm,
Seguindo a cada instante,
Nossa voz grita em silêncio, desejando ser alguém.

Ainda que os séculos tentem nos calar,
Ainda que tudo esteja obscuro,
Todos hão de dar por percebida,
Nossas guerras, nossas vidas,
NOSSAS VOZES OPRIMIDAS!

SOB AS SOMBRAS DAS PALAVRAS

Mauro André Viana Pinto

Sob a sombra das
palavras
Um homem escondeu-se
até não pode ser
mais visto.
As fez de pele
protegendo-se
do frio calar.
As fez de armas
na guerra silenciosa
do seu mundo.
Aos seus inimigos
restou a certeza
de que,
aquele homem,
com sua armadura léxica,
apesar de escondido,
queria ser visto,
E a guerra
Não mais silenciosa
perdurou por tempos.
Ainda assim
tal homem, sentindo-se vencedor,
despiu-se de sua pele
e continuou vivendo.
